

ROQUE SPENCER MACIEL DE BARROS E O LIBERALISMO ÉTICO FILOSÓFICO

Michelle Fernandes Lima¹

Regina Maria Michelotto²

RESUMO

Este artigo é parte integrante da pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo da pesquisa foi analisar o pensamento e a ação de Roque Spencer Maciel de Barros, relativos à Reforma Universitária de 1968. A escolha de Barros como objeto de estudo se deu pela sua ativa participação no processo de reestruturação das universidades na década de 1960, por ser um autor pouco estudado na historiografia da educação brasileira e, especialmente, por ter representado a tendência liberal que influenciou, de forma significativa, os rumos da educação brasileira. A análise aqui apresentada tem como intuito central apresentar a trajetória intelectual de Roque Spencer Maciel de Barros, evidenciando as concepções defendidas por ele e que influenciam a sua atuação no cenário da história da educação brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Roque Spencer Maciel de Barros. Liberalismo. História da Educação.

Reconstruir a trajetória de vida de um autor sob a ótica do materialismo histórico exige se opor a explicações mecanicistas que, por apresentarem os homens como meras

¹ Professora da Universidade Estadual do Centro Oeste (IRATI-PR), doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (Linha: Políticas e Gestão da Educação). Vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisas PROFORMAR, Unicentro-PR e Membro do Grupo de Pesquisa HISTEDBR-Campos Gerais. E-mail: <mfernandeslima@yahoo.com.br>.

² Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. E-mail: <nupe@ufpr.br>.

vítimas de forças históricas incontrolláveis, acabam por isentá-los de qualquer responsabilidade social.

O estudo do pensamento de determinado autor só ganha sentido quando se entende ser esse pensamento expressão de uma época e, nessa época, de uma das tendências pelas quais essa época foi interpretada. Além disso, é importante salientar que nem sempre o que os homens de determinado período histórico disseram e pensaram de si mesmos corresponde à realidade efetiva desse período. É preciso confrontar essas formulações teóricas e/ou ideológicas com a concretude da vida material e social desses homens.

Na concepção de Gramsci (1981), a partir dessas premissas, é possível realizar toda a pesquisa posterior. É importante que se observe a distinção entre as obras que foram concluídas e as que não foram publicadas ou incompletas. Nesse processo é fundamental o estudo e a análise do trabalho realizado pelo autor, pois esse estudo possibilitará critérios para a valorização e críticas das obras póstumas, compiladas por outros. Um alerta se faz necessário para evitar interpretações equivocadas: o uso de fontes secundárias (aquelas que discutem o autor pesquisado) não poderá ser supervalorizado, por isso, é mais seguro que se pesquise, principalmente, nas obras autênticas, ou seja, nas obras do próprio pensador, buscando as linhas básicas do seu pensamento.

Roque Spencer Maciel de Barros deixou um grande número de publicações que versam sobre diferentes questões. Abrangem desde o surgimento tardio da universidade até um amplo estudo sobre o fenômeno totalitário.

Roque Spencer Maciel de Barros nasceu a 5 de abril de 1927, na cidade de Bariri, Estado de São Paulo, filho de Paulo Maciel de Barros e de Leontina Albuquerque Maciel de

Barros. Passou a infância e a adolescência na cidade de São Joaquim da Barra. Estudou no Liceu Municipal de Orlândia de 1939 a 1942. Também estudou no colégio Paulistano de 1943 a 1945. No nível superior, optou pelo Curso de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, onde estudou de 1945 a 1949, ano em que obteve a licenciatura em Filosofia. Foi casado com a ex-aluna e docente da FEUSP, Maria Conceição Rabello Maciel de Barros, falecida em 1973. Teve três filhos: Ângela, Saulo e Ruben. Uniu-se à professora Gilda Naécia Maciel de Barros (estudiosa da língua e cultura grega). Faleceu no dia 8 de maio de 1999, na cidade de São Paulo, deixando uma vasta produção intelectual às futuras gerações.

Foi aluno de João Cruz Costa e de Laerte Ramos de Carvalho. Este último teve grande importância na vida de Barros, que foi seu assistente na cadeira de História e Filosofia da Educação na USP e o substituiu no jornal *O Estado de São Paulo* como editorialista.

Em 1997, Barros escreveu o artigo *Laerte Ramos de Carvalho (15 anos após sua morte)*, no qual confirmava a importância desse educador em sua vida:

É lembrando da morte desse grande amigo, que foi meu professor, no Colégio e na Universidade, de quem fui assistente e com quem dividi a tarefa de organizar, a partir da Reforma Universitária de 1963/70, a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, do qual ele foi o primeiro e eu o terceiro diretor [...] com quem convivi por vinte e oito anos, desde 1944 (BARROS, 1997, p. 207).

Durante o Curso de Filosofia na USP, Barros tinha uma questão que o inquietava referente ao surgimento tardio das universidades no Brasil. Dessa primeira inquietação, ele

elaborou, em 1949, o discurso sobre a universidade que foi proferido na sua formatura.

Após o ano de 1949, Barros foi professor secundário de Filosofia nos colégios Pasteur, Paulistano, Mackenzie. Também atuou como assistente da cadeira de História e Filosofia da Educação a partir de 1951 e, ainda, como redator auxiliar do jornal *O Estado de São Paulo* de 1948-1951.

Após sua contratação como assistente na cadeira de História e Filosofia da Educação, escolheu, como tema de investigação para o doutorado, o surgimento tardio das universidades no Brasil.

Barros (1999, p. 20) relembra desse momento no artigo *A ilustração brasileira revisitada*: “Ora, esse tema já estava há muito escolhido era o do malogro da idéia de universidade entre nós, havendo eu definido, para o núcleo de pesquisa, o período imperial, especialmente de 1870 em diante, período fértil em projetos e discussões sobre tema”.

Mas, pela complexidade do tema, Barros escolheu o caminho preliminar a essa investigação, optou pelo da figura de Pereira Barreto, autor de diversos artigos sobre a Universidade no período imperial. Segundo Barros, o estudo do pensamento desse autor seria o *Fio de Ariadne* para a compreensão dessa temática.

Assim sendo, a sua tese de doutoramento, no ano de 1955, foi intitulada *A evolução do pensamento de Pereira Barreto e seu significado pedagógico*.

A temática do retardamento da criação da universidade entre nós é retomada por ocasião do seu concurso de títulos e provas para professor livre-docente com a tese: *A ilustração e a idéia de universidade no Brasil*, publicada em 1959, no Boletim da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

Foi também nesse período que ocorreram as discussões acerca da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº. 4.024/61) que, desde 1948, vinha sendo objeto de estudos de diferentes grupos sociais. Por ocasião da Constituição de 1946, que estabelecia como regra “[...] o ensino ministrado pelos poderes públicos”, Barros participou de forma ativa nos debates, na organização, em 1960, da obra *Diretrizes e bases da educação* e com publicação de artigos sobre o tema.

No artigo *Liberdade de ensino*, publicado pela *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, em 1960, Barros (1960, p. 18) deixa clara sua posição com referência à concepção de liberdade de ensino:

Em nossa linguagem, diríamos que ‘liberdade de ensino’ é essencialmente ‘liberdade de cátedra’. Na Alemanha do século passado havia plena liberdade de ensino, na medida que havia liberdade de cátedra – e não existia sequer universidade privada; toda a instrução superior era dada nas universidades autônomas do Estado. [...] o que caracteriza a liberdade de ensino não é portanto, o simples direito de abrir escolas – é a existência em toda e qualquer escola, da liberdade da cátedra, da liberdade de opinião e pensamento, fundada, em última análise, no ideal de consciência.

Vale pontuar alguns conceitos apresentados por Barros, que se relacionam com essa questão da liberdade de ensino. Antes de tocar no conceito de liberdade, é importante reafirmar que, para Barros (1992), o liberalismo não é uma doutrina econômica, mas uma concepção ética que se opõe às práticas autoritárias.

Ele afirma:

Não há uma vinculação histórica entre liberalismo, como concepção de vida, e o liberalismo econômico ou o sistema que se convencionou chamar de capitalismo e que

nem há vinculação lógica necessária entre ambos [...]. O liberalismo apóia numa determinada maneira de ver o homem e sua posição no mundo e na sociedade que, repudiando quaisquer justificações ideológicas, tem entretanto algumas características comuns e fundamentais sempre presentes (BARROS, 1992, p. 85).

Para Barros (1992), o liberalismo não é uma doutrina que justifica a sociedade capitalista, como se pode perceber no primeiro capítulo sobre o processo de origem e estruturação dessa ideologia na sociedade moderna. Ele considera o liberalismo sob a ótica da liberdade de pensamento e da moral. Essa visão leva a crer que Barros desconsidera a vinculação intrínseca do liberalismo com o capitalismo, como modo de produção.

Em entrevista para o jornal da USP, em 1997, Barros apresentou sua posição em relação à face humana do Liberalismo e apontou:

O liberalismo econômico é o que prevalece hoje, de fato. Essa é a orientação de Ludwig Von Mises, em parte Friedrich Von Hayek, de Milton Friedman, da escola de Chicago. Mas, para mim, esse liberalismo é apenas complementar. Ele funciona na medida em que auxilie a realização de um liberalismo propriamente ético e político a que prefiro chamar de 'liberalismo cultural', que prioriza a liberdade de pensamento, a liberdade moral. O liberalismo econômico precisa estar subordinado ao liberalismo cultural (BARROS, 1997, p. 2, grifo nosso).

A defesa da liberdade é uma característica dos escritos de Barros, seja em 1960, quando participa da referida campanha em defesa da escola pública, seja nos artigos e entrevistas, em meados dos anos 90.

Durante o período de discussões sobre a Lei nº. 4.024/61, como já foi dito, Barros participou de forma ativa defendendo

a educação como aspecto fundamental na instituição da ordem na sociedade e, ainda, afirmando que esta deveria ser função do Poder Público. Nesse contexto de discussões sobre a educação, os rumos do ensino superior também passaram a ser altamente discutidos por diferentes grupos que apresentavam propostas para a reforma da universidade. Barros teve participação ativa nesse processo, como membro do Grupo de Trabalho da Reforma Universitária e como teórico que dedicou escritos a essa questão.

Barros publicou, em 1971, a obra *Introdução à filosofia liberal*. Essa obra é considerada por autores, como Ubiratan Macedo e Antonio Paim, como a responsável pelo ressurgimento do liberalismo no Brasil.

Barros (1971) conta que a ideia desse livro nasceu durante a organização de um seminário “Neoliberal”. Os textos do livro foram escritos de 1966 a 1970. Trata-se, segundo ele, de uma análise dos “momentos” da filosofia liberal, na busca da singularidade das ideias liberais nas etapas de constituição desse pensamento.

O autor explica a origem do liberalismo clássico a partir das reformas religiosas do século XV e XVI e pontua que a reivindicação da liberdade de consciência constituiu a primeira etapa do liberalismo. Ele caracteriza o liberalismo como uma filosofia que vai se constituindo paulatinamente, cumprindo uma série de etapas. São elas: liberalismo religioso, político, econômico e ético.

Quanto ao liberalismo religioso, descreve que a mudança na concepção de liberdade se deu, principalmente, após a Reforma Protestante, liberdade esta que se traduz na libertação do indivíduo dos laços religiosos e permite o estabelecimento

de uma nova visão de homem. Nas palavras de Barros (1971, p. 27):

Explorando as profundezas de sua subjetividade, o homem novo firma o princípio da liberdade de consciência, indispensável à sua salvação e realização plena e cava os alicerces sobre os quais haveria de erguer-se, ainda que de outra forma fundamentada, uma nova filosofia, uma nova ética, uma nova teoria jurídica e uma nova política: o liberalismo.

A segunda etapa da constituição do liberalismo é caracterizada pela política. Barros traz o pensamento dos representantes do liberalismo político, como Locke, Montesquieu, apontando as características fundamentais do pensamento desses autores. A terceira etapa, o liberalismo econômico, constituirá a etapa que completa o quadro do liberalismo clássico. Barros (1971) analisa a teoria proposta pelos fisiocratas e por Adam Smith. A quarta e última etapa deste processo é o liberalismo ético, que se caracteriza pela concepção moral do homem como intuição fundamental e apresenta autores, como Kant e Rousseau, demonstrando a contribuição desses teóricos na formação moral dos homens.

Essas etapas são contempladas na primeira parte da obra; a segunda parte é constituída de artigos referentes à filosofia liberal. Dos artigos, um deles chama a atenção, *Mito e Ideologia*, pela forte oposição ao pensamento marxista.

Nas palavras de Barros (1971, p. 301):

Reflitamos um pouco. Se o pensamento humano é uma tradução das relações sociais de produção, se é a vida que determina a consciência, se as premissas de Marx estão corretas, então as ilações que tira delas são falsas. Pois, nesse caso, o marxismo é senão um reflexo de determinadas relações reais de produção, a vida de Marx determinando a sua consciência. Por que passe de mágica

liberta-se-ia o pensamento de Marx dessas condições, de forma tal que o seu produto fosse científico e não ideológico? Pelo fato de ter reconhecido as verdadeiras razões que movem a conduta humana e determinam necessariamente o curso da história? Mas como afirmar que tais razões são objetivamente verdadeiras se o pensamento que as encontra está 'situado' como outro qualquer é apenas um ponto da série?

Nessa citação, pode-se observar o repúdio de Barros em relação ao marxismo e, especialmente, a forma de compreender a realidade a partir das relações sociais de determinado contexto.

Após 19 anos da publicação da obra citada, Barros (1990, p 15), nas considerações iniciais da obra *Fenômeno totalitário*, pontua:

Este livro, sob muitos aspectos, é uma continuação de outro, que publicamos há quase vinte anos (*Introdução à filosofia liberal*), e que nunca quisemos reeditar, para não ter de reescrevê-lo quase inteiro. Ainda que considerando ultrapassado na sua forma, ele nos parece válido no seu sentido principal. Na nota introdutória daquele trabalho escrevíamos: 'Dedicado à filosofia liberal, este livro trata, fundamentalmente, da antinomia entre liberdade e totalidade. Nesse sentido ele é, para mim, uma espécie de compromisso filosófico'.

Em 1973, Barros, por concurso público, torna-se professor titular da Universidade de São Paulo e apresenta a obra *O significado educativo do romantismo brasileiro: Gonçalves de Magalhães*. A partir do estudo da figura de Magalhães, o autor pretende estabelecer uma perspectiva, um olhar para o passado nacional sob a ótica da formação humana e nacional. Trata-se do período de 1870, período este também estudado no obra *Ilustração brasileira e a idéia de universidade*. Elegeu esse

período por considerar que é nele que se instala uma nova forma de conceber o homem e o mundo.

Além de sua vasta produção intelectual, Barros foi diretor da Faculdade de Educação da USP (1976 a 1980) e chefe do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação de 1970-1976 e 1980 a 1984, ano em que se aposentou nessa faculdade.

Trabalhou como editorialista e colaborador de *O Jornal Estado de São Paulo* e *Jornal da Tarde*, de 1965 a 1980. Mesmo depois dessa data, atuou como colaborador no *Jornal da Tarde*. Os artigos que ele escreveu versam sobre temas relacionados, principalmente, com a educação.

Depois de se aposentar, Barros passou a se dedicar ao tema do totalitarismo, questão que ele persegue com afinco nas obras: *Gorbachevismo: hipóteses e conjecturas* (1988), *O fenômeno totalitário* (1990) e *Estudos liberais* (1992), que trazem artigos sobre essa temática. Também publicou as obras *Razão e racionalidade* (1993), *Estudos brasileiros* (1997) e *Poemas* (1997).

Na obra *Fenômeno totalitário*, Barros (1990, p. 11) demonstra a ameaça dos regimes totalitários e explica que o propósito do livro:

[...] é filosófico – e é como livro de Filosofia, sem mais adjetivações, que gostaríamos que este trabalho fosse considerado. Trata-se, pelo menos foi o que pretendemos, não nos cabendo julgar do êxito de nossa pretensão, de realizar uma tentativa de análise descritiva das camadas constitutivas mais profundas do ente humano, para que, no caso, o totalitarismo serve, basicamente, como um fio condutor.

A respeito dessa obra, alguns autores tecem comentários num artigo organizado por Gilda Naécia Maciel de Barros (1997, p.134 a 147), na *Revista Brasileira de Filosofia*:

Um dos méritos da obra consiste, aliás, em desfazer muitos equívocos correntes a respeito do que seja totalitarismo, mostrando, por exemplo, a impossibilidade de estabelecer sinonímia entre nazismo e fascismo, segundo a perspectiva do totalitarismo [...] é deveras impressionante a bibliografia consultada pelo autor, revelando a sua imparcialidade perante as fontes de informação (REALE, 1997, p. 139).

O novo livro de Roque Spencer Maciel de Barros – O Fenômeno Totalitário, não pretende ser mais uma obra sobre o totalitarismo, mas uma tentativa de proceder à investigação radical, a fim de responder a esta pergunta: como é possível existência de algo como o fenômeno totalitário? (PAIM, 1997, p. 140).

O livro de Roque Spencer Maciel de Barros representa, assim, a mais abrangente análise de tudo quanto a respeito se pensou e escreveu sobre o assunto e, ao mesmo tempo, uma síntese organizada do que se deve concluir a respeito. Dificilmente se pensará em um autor ou uma obra relevante que não tenham sido recenseados, analisados e dissecados pelo prof. Roque: da mesma forma, nenhum aspecto do 'fenômeno totalitário' deixa de ser tratado neste livro (BARROS, 1997, p. 144).

Roque Spencer, em 1992, publicou a obra *Estudos liberais* que, segundo ele, é um complemento da *Introdução à filosofia liberal*, de 1971. Esse livro reúne 12 ensaios que foram elaborados e divulgados desde 1977 e publicados, em sua maioria, no *Jornal da Tarde*.

Barros (1992), no prefácio da obra, reafirma sua filiação liberal:

Liberal desde os tempos de estudante universitário, na década de 40, tendo escrito sobre o assunto nos anos 50 e 60, numa atividade intelectual da qual acabou por resultar o livro de análise *Introdução à Filosofia Liberal*, publicado pela Grijalbo e Edusp em 1971, sentimo-nos na obrigação

de insistir agora na legítima atitude liberal em face de um variado e complexo número de problemas, de alcance tanto universal quanto nacional: é o sentimento dessa obrigação que nos leva a reunir estes ensaios escolhidos e a republicá-los, em forma de livro.

A produção intelectual de Barros não se restringiu às obras acima destacadas (15 principais publicadas de 1959 a 1997). Além delas, publicou 22 artigos em revistas especializadas, organizou 9 obras, publicou 16 artigos em obras coletivas, sem contar os inúmeros artigos veiculados pelo *Jornal da Tarde*, de 1965 a junho de 1989.³

Também foi colaborador da *Revista Brasileira de Filosofia e do Digesto Econômico*. Atuou como professor colaborador do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da USP, de 1996 a 8-5-1999.

Pode-se afirmar que o liberalismo defendido por Roque Spencer Maciel de Barros é ético e filosófico, por considerá-lo como concepção de vida para os homens. Propõe uma face humana para a doutrina liberal que priorize a liberdade de pensamento e de moral.

Nas palavras de Barros (1992, p. 102-103):

O essencial do liberalismo, como concepção de vida, como afirmação da singularidade da pessoa, situa-se no plano da ética e se manifesta principalmente em termos de liberdade de consciência e pensamento e sua expressão, de responsabilidade pelas próprias decisões. [...] O autêntico compromisso liberal é com o homem, respeitado na sua individualidade e na sua substância ética – e não com a economia.

³ Segue, no final deste item, a cronologia das obras de Roque Spencer Maciel de Barros.

O autor distingue o liberalismo, como concepção de vida, e o liberalismo econômico como o sistema que se convencionou chamar de capitalismo. Concebe o liberalismo no plano da ética e da filosofia e demonstra, de forma marcante, a preocupação com o homem como indivíduo.

Defende, em suas obras, que o liberalismo não é uma doutrina filosófica que vai nortear as ações dos homens na sociedade moderna. Acredita que o liberalismo seja uma concepção de vida que vai assegurar a liberdade do homem e, principalmente, sua singularidade.

Barros (1992, p. 86) conceitua o liberalismo como:

[...] algo substantivo, que tem um valor em si, precisamente porque não é simplesmente político ou econômico (ainda, que historicamente, se venha a apresentar sob essas capas), mas é uma afirmação do homem, repitamo-lo, concebido na sua dignidade como ser singular, insubstituível e responsável.

Em entrevista para o jornal da USP, em 1997, Barros, ao tratar das características desse liberalismo cultural, afirma que os autores que compartilham dessa concepção priorizam os aspectos éticos e políticos do liberalismo. São eles: Benedetto Croce, Ropke, Eucken e Rustow. Barros explica que o significado que dão ao "liberalismo social" (termo introduzido no Brasil por José Guilherme Merquior) não o agrada, mas deixa claro que pertence à corrente dos liberais que enfatizam a liberdade e a singularidade do indivíduo, também chamado liberalismo cultural.

Nesse sentido, pode-se dizer que Barros defendeu os princípios liberais em seus escritos e em suas ações. O liberalismo apregoado por ele centra-se na defesa da liberdade dos homens, o que proporciona a sua singularidade e individualidade.

Barros conceitua o liberalismo, defendido por ele, de maneira muito clara no artigo intitulado *O liberalismo: reflexões desencantadas de um liberal*, de 10 de junho de 1978 (*Jornal da Tarde*):

[...] o liberalismo é uma concepção do homem e do cosmos, é estilo de vida. Concepção e estilo que se fundam no sentimento de independência individual e, ao mesmo tempo, no reconhecimento moral do outro, igualmente independente. Exige, assim, a afirmação do eu próprio, que se insere na comunidade ético-jurídica do nós, sob a égide de uma recíproca responsabilidade [...].

Buscamos, nesta pesquisa, estudar o autor não por ele mesmo, mas por meio da compreensão do seu pensamento a partir do contexto em que foi produzido. Ao término da investigação, verificou-se que a universidade preconizada em seu pensamento só poderia nascer e sobreviver em uma sociedade que tivesse como fundamento os princípios do liberalismo. Ele foi representante de um determinado grupo: os liberais que defendiam o aspecto ético e filosófico dessa doutrina, mas não questionavam o limite da efetivação da liberdade na sociedade burguesa. Barros defendeu uma educação superior pública, mas não destinada a todos e sim voltada para uma elite espiritual. Participou de forma ativa na reestruturação das universidades de 1960, enquanto muitos professores da mesma instituição em que ele atuava (Universidade de São Paulo) foram exilados, torturados e presos. Enfim, defendeu o grupo que estava no poder e referendou uma reforma que já estava dada pelo governo.

Para finalizar a análise, deixamos para conhecimento a cronologia das obras de Roque Spencer Maciel de Barros.

CRONOLOGIA DAS OBRAS	
1959	BARROS, Roque Spencer Maciel. Ilustração brasileira e a idéia de universidade. <i>Boletim da Faculdade de Filosofia da Universidade de S. Paulo</i> , São Paulo, n. 241, 1959. Reeditado em 1986, Editora Convívio e Edusp, 412 p.
1960	_____. <i>Diretrizes e bases da educação nacional</i> (Org. e Colab.). São Paulo: Pioneira, 1960.
1967	_____. <i>A evolução do pensamento de Pereira Barreto</i> . São Paulo: Editorial Grijalbo - Edusp, 1967. 272 p.
1971	_____. <i>Ensaio sobre a educação</i> . São Paulo: Grijalbo - Edusp, 1971. 306 p.
1971	_____. <i>Introdução à filosofia liberal</i> . São Paulo: Grijalbo - Edusp, 1971.
1973	_____. <i>A significação educativa do romantismo brasileiro</i> : Gonçalves de Magalhães, Grijalbo - Edusp, 1973. 290 p.
1988	_____. <i>Gorbachevismo: hipóteses e conjecturas</i> . São Paulo: Convívio, 1988.
1990	_____. <i>O fenômeno totalitário</i> . Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1990. 746 p.
1992	_____. <i>Estudos liberais</i> . São Paulo: T. A. Queiroz, 1992. 131 p.
1993	_____. <i>Razão e racionalidade</i> . São Paulo: T. A. Queiroz, 1993. 316 p.
1997	_____. <i>Estudos brasileiros</i> . Londrina: Editora UEL, 1997. 243 p.
1997	_____. <i>Poemas</i> . São Paulo: T. A. Queiroz, 1997. 101 p.
PARTICIPAÇÃO EM OBRAS COLETIVAS	
1960	BARROS, Roque Spencer Maciel. (Org.). In: <i>Diretrizes e bases da educação</i> . São Paulo: Pioneira, 1960.
1971	_____. <i>Vida religiosa e a questão religiosa</i> . In: História da civilização brasileira. Direção de Sérgio Buarque de Holanda, Tomo II, O Brasil Monárquico, v. 4, Declínio e Queda do Império, S. Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971. p. 317-365.
1978	_____. O positivismo no Império. In: CRIPPA, Adolpho (Dir.). <i>As idéias filosóficas no Brasil</i> . São Paulo: Convívio, 1978. t. I, p. 115-142.
1979	_____. O pensamento político positivista no Império. In: CRIPPA, Adolpho (Dir.). <i>As idéias políticas no Brasil</i> . São Paulo: Convívio, t. I, 1979. p. 233-270.
1983	_____. Reflexões desencantadas de um Liberal. In: OLIVEIRA, Maria Lúcia de (Coord.). <i>A conquista do espaço político: uma seleção de textos publicados no Jornal da Tarde</i> . São Paulo: Jornal da Tarde, 1983. p. 99-102.

CRONOLOGIA DAS OBRAS (continuação)

1991	BARROS, Roque Spencer Maciel. O homem e a totalidade. -In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES E PESQUISADORES DA FILOSOFIA BRASILEIRA, 2., 1991, Londrina. <i>Anais...</i> Londrina: Centro de Estudos Filosóficos de Londrina, 1991. p. 22-49.
1992	_____. <i>Poesia</i> . In: LAFER, Celso; FERRAZ JUNIOR, Tércio Sampaio (Coord.). <i>Direito, política filosofia e poesia</i> . São Paulo: Saraiva, 1992. p. 69-76.
1994	_____. <i>O nacional e o universal na cultura brasileira: o projeto brasileiro de Gonçalves de Magalhães e suas bases filosóficas</i> . <i>Actas do II Colóquio Tobias Barreto</i> . Lisboa: Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, 1994.
1995	_____. Karl Popper: a busca inacabada. In: PEREIRA J. C. R. (Org.) <i>Popper: as aventuras da racionalidade</i> . Porto Alegre: Edipucrs, 1995. p. 9-20. (Coleção Filosofia).
1998	_____. Fundamentos e objetivos do ensino. In: MENESES, JOÃO G. C. et al. <i>Estrutura e funcionamento da educação básica: fundamentos da educação</i> . 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2000. p. 21-35.
1998	_____. In: BARROS, Roque Spencer Maciel. (Org.). <i>O significado do liberalismo atual: uma controvérsia brasileira</i> . Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1998.
1999	_____. A ilustração brasileira revisitada. In: MONARCHA, <i>História da educação brasileira: formação do campo</i> [juiz de Fora: Editora Unijui, 1999. p. 17-31. [póstumo].

ARTIGOS EM REVISTAS

1960	BARROS, Roque Spencer Maciel. Liberdade de ensino. <i>Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos</i> , São Paulo, v. XXXIV, n. 79, jul./set. 1960.
1961	_____. Algumas considerações sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. <i>Engenharia (órgão oficial do Instituto de Engenharia)</i> , v. XIX, n. 222, p. 584-590, ano XIX, maio 1961.
1969	_____. Capitalismo, socialismo e liberalismo: uma comparação dos sistemas e teorias político-econômicas atuais. <i>Indústria e Desenvolvimento</i> , São Paulo, v. 2, n. 10, p. 5-6, out. 1969.
1976	_____. Mímnermo e Semônides: elegias (Nota Introdutória de Gilda Naécia Maciel de Barros – Recriação Poética de Roque Spencer Maciel de Barros). <i>Revista da Faculdade de Educação (USP)</i> , São Paulo, v. 2, p. 181-183, 1976.

ARTIGOS EM REVISTAS (Continuação)

1980	BARROS, Roque Spencer Maciel. O médico e o problema ético. <i>Carisma: Formação do Médico</i> , v. I, p. 8-21, 1980.
1982	_____. O pensamento político de Kant. <i>Revista Brasileira de Filosofia</i> , v. XXXII, fasc. 126, p. 190-213, abr./maio/jun. 1982.
1983	_____. História e ideologia. <i>Digesto Econômico</i> , ano XL, n. 300, p. 79-83, jan./fev. 1983.
1983	_____. O totalitarismo: esboço de uma caracterização. <i>Humanidades</i> , v. I, n. 3, p. 43-54, abr./jun. 1983.
1983	_____. Elementos para a elaboração de uma teoria sobre o totalitarismo. <i>Revista Brasileira de Filosofia</i> , v. XXXIII, fasc. 132, p. 351-384, out./nov./dez. 1983.
1983	_____. Jaspers, a universidade e o totalitarismo. <i>Boletim do Centro de Estudos e Pesquisas em Psiquiatria, Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo</i> , v. 1, n. 2, p. 39-51, 1983.
1983	_____. Totalitarismo (artigo especial). <i>Enciclopédia Brasileira Globo</i> , (organizada sob a direção de Álvaro Magalhães, ed. 20, XI [Sonegação - Tzeliutsing]). Porto Alegre; Rio de Janeiro: Editora Globo, 1983.
1988	_____. A constituição e a educação. <i>Convivium</i> , v. 31, n. 6, ano XXVII, p. 538-551, nov./dez. 1988.
1993	_____. Um panorama da educação. <i>Convivium</i> , v. 30, n. 3, ano XXVI, p. 206-213, maio/jun. 1987.
1998	_____. O gorbachevismo: reforma real ou reforma verbal? <i>Convivium</i> , v. 31, n. 4, ano XXVII, p. 296-302, jul./ago. 1988.
1993	_____. As duas culturas: variações sobre o tema. <i>Cadernos de História & Filosofia da Educação</i> (textos de professores do EDF-FEUSP), São Paulo, v. 1, n. 1, p. 514, 1993.
1993	_____. "Decência já". <i>Digesto Econômico</i> , n. 359, ano XLIX, p. 53-55, maio/abr. 1993.
1993	_____. Separatismo ou unidade nacional. <i>Digesto Econômico</i> , n. 363, ano XLIX, p. 36-41, nov./dez. 1993.
1993	_____. Três obras primas do cinema: <i>Corpos ardentes</i> , <i>Cabo do medo</i> e <i>Fedora</i> . <i>Digesto Econômico</i> , n. 361, ano XLIX, p. 74-78, jul./ago. 1993.
2000	_____. O liberalismo de José Pinto Antunes. <i>Revista Brasileira, Academia Brasileira de Letras</i> , n. 22, Fase VII, ano VI, p. 107-112, jan./fev./mar. 2000. [Póstumo].

ROQUE SPENCER MACIEL DE BARROS AND THE LIBERALISM ETHICAL PHILOSOPHICAL

ABSTRACT

This article is integral part of the research of master's degree realized in the Post Graduation Program in education of the Maringá's State University. The objective of the research was analyze the thought and the action of Barros as study object is gave through his active participation in the process of restructuration of the universities in the decade of 1960, for being an author barely studied in the historiography of the brazilian education and, especially, for had represented the liberal tendency that influenced, of a significative form, the courses of the brazilian education. The analysis here presented has with central aim present intellectual trajectory of Roque Spencer Maciel de Barros, evidencing the conceptions defended for him that influence his acting in the scenery of the history of the brazilian education.

KEYWORDS: Roque Spencer Maciel de Barros. Liberalism. Education history.

REFERÊNCIAS

- 1 BARROS, R. S. Maciel de; CARVALHO, Laerte Ramos de. **Estudos brasileiros**. Londrina: Editora UEL, 1997.
- 2 BARROS, R. S. Maciel de. A ilustração brasileira revisitada. In: MONARCHA, Carlos (Org.). **História da educação brasileira: formação do campo**. Ijuí: Editora Unijuí, 1999. p. 17-31. [póstumo].
- 3 BARROS, R. S. Maciel de. **Ensaio sobre a educação**. São Paulo: Grijalbo-Edusp, 1970.
- 4 BARROS, R. S. Maciel de. **Estudos liberais**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1992.

- 5 BARROS, R. S. Maciel de. **Introdução à filosofia liberal**. São Paulo: Grijalbo-Edusp, 1971.
- 6 BARROS, R. S. Maciel de. Liberdade de ensino. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. XXXIV, n. 79, jul./set. 1960.
- 7 BARROS, R. S. Maciel de. **O fenômeno totalitário**. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia-EDUSP, 1990. 746 p.
- 8 BARROS, R. S. Maciel de. **Razão e racionalidade**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1993. 316 p.
- 9 GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- 10 MACIEL DE BARROS, Gilda Naécia (Org.). O pensamento de Roque Spencer Maciel de Barros. **Revista Brasileira de Filosofia**, São Paulo, v. XLIV, fac. 186, p.134-147 abr./ maio/jun. 1997.